

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 30 DE MAIO DE 1904

NUMERO 30



S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS

(Phot. Bobone)

O Congresso Marítimo Internacional realizado na última semana presta uma condigna homenagem a el-rei, o mais dedicado apostolo dos trabalhos oceanographicos e que pelas suas colleções e pelas suas memorias tem resurgido ao estrangeiro uma brilhante e bem fundada reputação de homem de sciencia, a que, enaltecendo a pessoa de S. M., o motivo de jubilo para nos portuguezes. S. M. presidiu a primeira sessão do Congresso, após a sua viagem de exploração oceanogra-

phica. Os bellos exemplares expostos por el-rei nas salas da Sociedade de Geographia foram elogiados pelos representantes das nações no Congresso, os que admiram em S. M. el-rei um dos mais illustres cultores de sciencia tão vasta, admiração que foi bem manifestada por proposta de Mr. Charles Blount pela qual se enviou uma mensagem a S. M. el-rei, cujo nome e eijos trabalhos são bem queridos ao estrangeiro.

CHRONICA

O Congresso Marítimo

Fizeram-se preces e com franqueza não applaudimos que se tivesse gasto tanto latim e tanto incenso, tanta cera e tanta devoção, apesar da agricultura clamar por agua e apesar dos generos irem a encarecer. Não applaudimos...

E isto porque n'essa semana ida, careciamos mais do que nunca d'um sol forte, incandescente e vivo, d'um céu bem azul, d'um delírio de luz.

Mas fizeram-se preces e todas essas orações foram d'uma grande indelicadeza.

Vieram ali os congressistas, vieram em rovoada por este maio de encantos, chegaram com as suas malas com as suas memorias para o congresso, e, com os seus desejos de conhecer as maravilhas da nossa terra.

«Foi, por consequente, uma tão grande falta de gentileza pedir chuva, como seria o fechar-lhes as portas da Sociedade de Geographia ou da Liga Naval. Elles que deviam passear-se no Tejo sobre as aguas serenas e azues, sob o céu magnifico que é um docel sem uma prega por este mez sublime, encontraram apenas um rio barrento, a rolar, a encapellar-se, um rio guloso a querer-lhes engulir as bagagens e os corpos, umas aguas pouco hospitaleras que lhes deram a idéa de haver uma sublevação entre os peixes, no momento cheios de zanga, ao verem-se classificados pelos illustres congressistas, um rio que lhes fez enjôos, náuseas, que sobretudo os obrigou a escrever nos seus albums: Tejo: rio de Portugal que é como certas mulheres. Tem fama de bello e é horrivel, dizem-no condescendente e azul, mas em verdade é barrento e malcreado.

Mas é preciso salvar a todo o transe a rica reputação do nosso bello rio.

Depois havia esse passeio a Cintra, á Cintra que lá fóra se conhece pelas leituras do Byron e pelas anedotas de inglezes, havia esse almoço com regatos de Champanha ao ar livre, entre arvôres e de frente dos penhascos, com passaros cantando e mulhersinhas loiras, vestidas de claro, môstrando tro-

chos de meias ao arragarem-se para saltarem vallados, havia aquella linda volta pela campina até Cascaes, em carros, com canções frescas na excitação do almoço, por um ponto rubro, listrado, que devia anunciar calor, a rasgar-se detraz do Castello dos Mouros, ameiado e hirtto, soberbo e historico.

Tudo isso se desmancharia com a chuva e levaria os senhores congressistas a fazerem de Cintra um mau juizo, a escreverem nos seus albums por debaixo da repimenda ao Tejo:

— Cintra, oh! Já não é mesma de Byron. Mudou muito, engrossou, tem carranca. Parece terra ingleza. Tudo pedra e nevoeiro...

Ora eis a razão por que lamentamos que se tivessem feito preces. No entanto, ainda depois de se gastar esse incenso, esse latim, vemos quanto o Creator sabe o que são necessidades. E' bem certo que cada um sabe de si e Deus sabe de todos!

Os srs. parochos tiveram uma má idéa e lá no empreo o Omnipotente não poude



CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL
O EDIFICIO DA LIGA NAVAL ONDE FORAM RECEBIDOS OS CONGRESSISTAS

resistir ás suas supplicas e mandou agua, a intercalar, no entanto, a tormenta com resacas de sol e neugas d'azul.

T'outro modo ficaríamos completamente perdidos. Ainda assim roceamos não ouvir dos estrangeiros aquella phrase que nos define e nos é bem cara:

— Pobresinhos, mas limpinhos!

Logo n'esta semana pediram a chuva! Que ferro... Não fomos completos nos festejos aos congressistas. Mas dirão agora: e o commercio, a agricultura?!

A agricultura viveria do mesmo modo a esperar uns dias, o commercio continuaria a girar. Encarecem ás vezes os generos por causa das guerras, das tricas politicas, das dôres de cadeiras d'um magno fornecedor. Que demônio, sempre pagamos!

D'esta vez pagaríamos tambem. Mas no menos deixassem-nos durante uma semana ter o orgulho de ou virmos em todas as linguas:

— Que bello clima!
— Que soberbo céu,

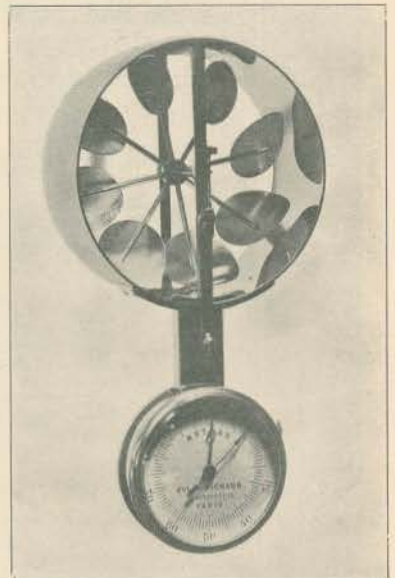
— Oh! que aguas tão mediterraneamente azues... Preferiamos tudo a essas preces que deram a chuva.

Queríamos ter mostrado o nosso riquissimo clima, embora depois encarecessem as batatas!

ROCHA MARTINS



CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL—A FACHADA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA ONDE SE REALISAVAM AS SÊSSOES DO CONGRESSO



APPARELHO REGISTRADOR DA VELOCIDADE DOS VENTOS DE JULES RICHARD EXPORTO NA INSTALAÇÃO OCEANOGRAPHICA DO GOLFO DA GASCONHA NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

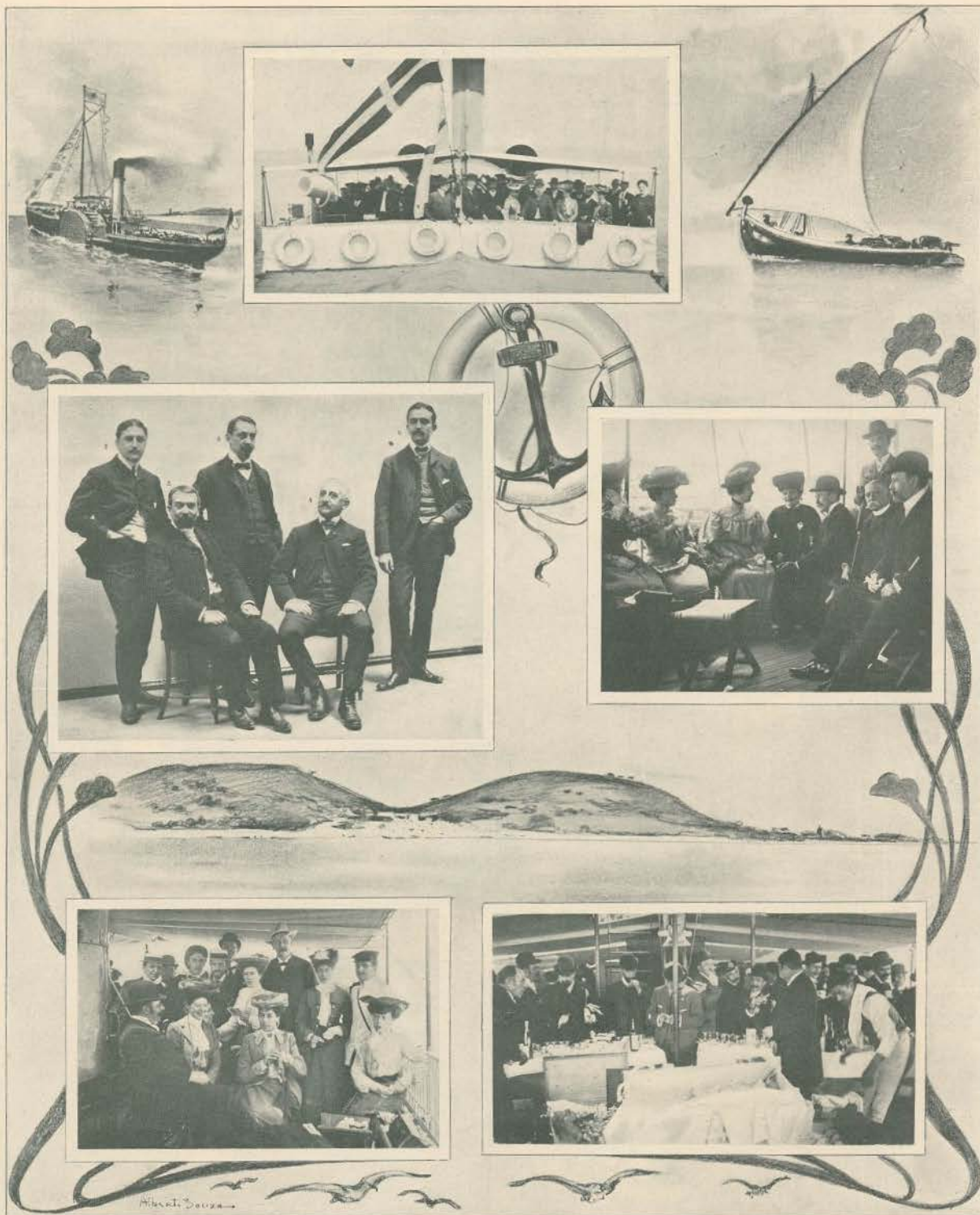


CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL - A EXPOSIÇÃO OCEANOGRAPHICA PORTUGUEZA NA REAL SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
 1. ENTRADA DA EXPOSIÇÃO OCEANOGRAPHICA - 2. INTERIOR DA EXPOSIÇÃO, A SALA - 3. INTERIOR DA EXPOSIÇÃO, OUTRO ASPETO - 4. INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE

DE OCEANOGRAPHIA DO GOLFO DE GASCONHA - 5. VITRINE DA DIRECCÃO CENTRAL DE PESCAARIAS

Do museu oceanographico de S. M. el-rei e senhor D. Carlos foram para a Sociedade de Geographia alguns dos mais bellas exemplares da nossa fauna maritima colhidos por S. M. el-rei nas suas expedicoes. O museu oceanographico e hoje um dos mais preciosos do mundo e assim o entendem o Congresso Maritimo ao enviar a S. M. el-rei as suas felicitações com os seus agradecimentos pela devotada protecção dispensada aos seus trabalhos.

A exposiçào oceanographica foi installada na direcção do sr. Alberto Girard, o collaborador asiduo de S. M. el-rei n'esses excellentes trabalhos que tanto honram o nosso paiz. Os congressuistas estrangeiros admiraram os bellos exemplares ali expostos e bastos louvores fizeram a quem, á custa de esforços e de luctas, tem conseguido arranjar semelhante collecção.



CONGRESSO MARÍTIMO INTERNACIONAL: O PASSEIO NO TEJO

1.º, NA PONTE DO «LISBOANENSE»—2.º, OS Membros DA SOCIEDADE OCEANOGRÁFICA DA GASCONHA: 1. ANDRÉ BARINCON—2. JAMES WOOLONGHAN—3. J. L. BRUNET

4. A. BARIÇON—5. PIERRE BARIÇON—6.º, UM GRUPO À RE—7.º, OUTRO GRUPO—8.º, AO «LUNCH»

Embarcamos pelas 11 horas no *Lisboanense*. O rio estava em mo, o céu solidado por nuvens que de quando em quando se descobriam n'uma abertura de sol, e o barco lá foi rio abaixo para voltar à vista de Almada até ao Casal do Sotro.

Serviu-se a bordo o *lunch*. Estabeleceu-se logo uma intimidade como se fossem n'uma longa viagem por essas mareas, e os nossos hospedes, deversos encantados, juravam guardar saudades d'esse

dia de descanso aos seus trabalhos do Congresso. O desembarque fez-se pelas 6 horas, correndo a viagem sem o menor incidente e reinando sempre a máxima coesolidade e alegria.

A banda dos marinheiros tocou e foi applaudida, e dia esteve dubio mas todos portavam as nuvens de tormenta e de bom grado elogiavam a recepção que lhes era feita em Portugal, de qual prometiam guardar gratissimas recordações.



O GRUPO DOS CONGRESSISTAS NO PARQUE DA PENA.



O «LUNCH» NO MESMO PARQUE
O CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL: O PASSEIO A CINTRA

Estivera chuvoso o dia. Logo que terminou o almoço começou a abanancar, e n'uma effusiva alegria fez-se a visita ao palacio real da Pena, que deixou maravilhados os congressistas como ja succedera ao visitarem o Paço de Cintra. Demoraram-se algum tempo na capella maravilhosa, admiraram pelas alturas a verea o parque, n'um cerrado a seus pés n'uma enorme extensão. D'alli partiram-se para Cascaes, atravez dos campos, os 50 trens de bal-da alarmando os povoados por onde se passava.

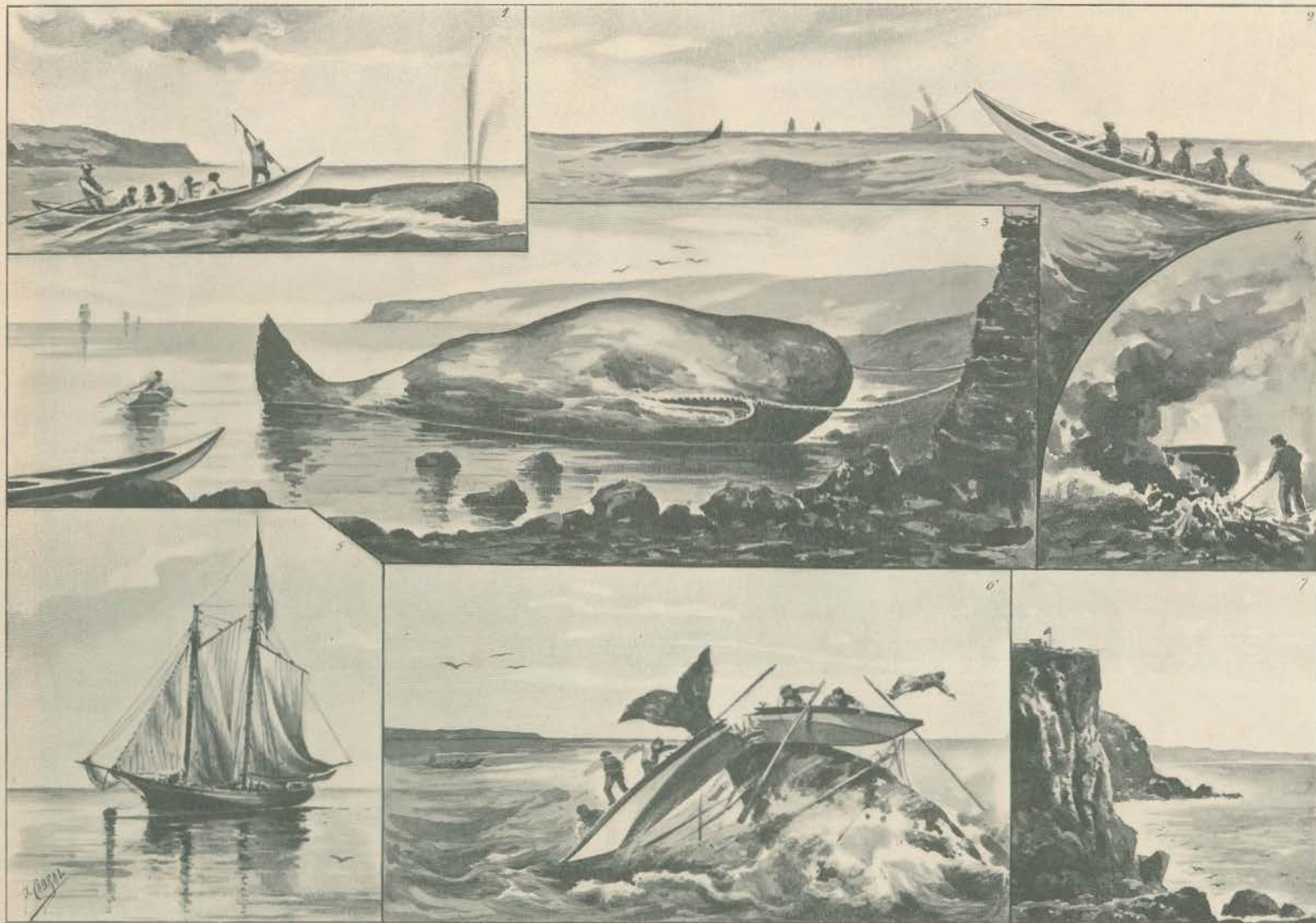
A bahia esboçava serena, e houve uma recepção affectuosa na villa. Visitou-se a «Lousa do Inferno» e os estrangeiros comparavam aquelles pedregoscos aos grandes rochedos da Bretanha, nos picos arrendidos de Saint-Malo. No Estoril foi servida um chá, pelas 5 horas da tarde, e após uma visita aos Estoril voltou-se a Cascaes, onde se tomou o comboio que, a trepidar de risos, cheio de alegrias, deixou os congressistas pelas 8 horas no Casso de Sodré, terminando assim essa excursão que, sem aquelle ruidoso tempo, seria uma maravilha.



(Photographia gentilmente cedida pelo sr. Girard)

A PESCA DO ATUM NO ALGARVE

A REPRODUÇÃO D'UM QUADRO DE S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS, QUE FOZ PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1900, CUJO ORIGINAL PERTENCE HOJE A S. M. O IMPERADOR DA ALLEMANHA



A PESCA DA BALEIA NOS MARES DOS AÇORES

1, UMA CANOIA PARA A PESCA DAS BALEIAS—2, A PESCA—3, O REBOQUE DA CANOIA APÓS A PESCA—4, O DEBRETIMENTO DA BALEIA NAS CALDEIRAS—5, UM NAVIO DE PESCA—6, UM DESASTRE FREQUENTE—7, A VIGIA

É na vigia que se dá o alarme, o signal de peixe à vista. Ha um rebolico, uma taina e lança-se ao mar a canoia que tem 8 a 10 metros de comprimento, levando sete homens de tripulação.
Um d'elles é o piloto que vai ao remo d'exparella, a ré, outro é o trancador e cinco são os remadores.

Logo que a canoia chega ao alcance da baleia, vai se approximar-se, trancando-a perto da aza com um arpo proprio, o qual está preso ao *chicote* d'um cabo. É este o momento de maior perigo e em que se dão desastres frequentes.
O animal é tocado, sente-se ferido, vai n'uma carreira vertiginosa a espadanar agua, levando a canoia no seu rasto. Mas pouco a pouco perde as forças e che-

ga a parar. Outra canoia chega para a rebocar, e conduzida a baleia para a compaña que está em terra,ahi começam os trabalhos de abertura, a fim de se lhe tirar as muitas de gordura, o esqueleto, o albacar, as barbas e algumas vezes o antor.
Cada anno são pescadas nos Açores entre 40 a 70 baleias.



SEculo PHO"

CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL.—A Sessão Inaugural.

Uma magnificência essa (primeira sessão do Congresso. Os alunos da Escola Naval fazem o guarda de honra. Estavam cheias as galerias. Havia *talitres* deslumbrantes, fardas, commendas na selecta

reunião onde estava a família real e o ministerio. O aspecto era soberbo, encantador. O sr. ministro dos negocios estrangeiros entregou a S. M. o rei o discurso que aquelle augusto senhor leu abrindo o Congresso Maritimo Internacional, e qual realiso as suas sessões em segunda, quarta e

sexta feira, descaucando os congressistas em torça a quinta feira, em que se realisaram os passeios no Tejo e a Cintra. Sexta feira houve um jantar de 300 milhares no grande salão do theatro da Trindade, no qual pronunciarão discursos além de Mr. Roux, Pasco, diversas congressistas e o

sr. Capello. Assim se encerrou o Congresso Maritimo Internacional, o recetor promovido pela Associação Internacional de Marinha, que realisara os anteriores em Monaco e em Copenhague e realisará o quarto em Milão.

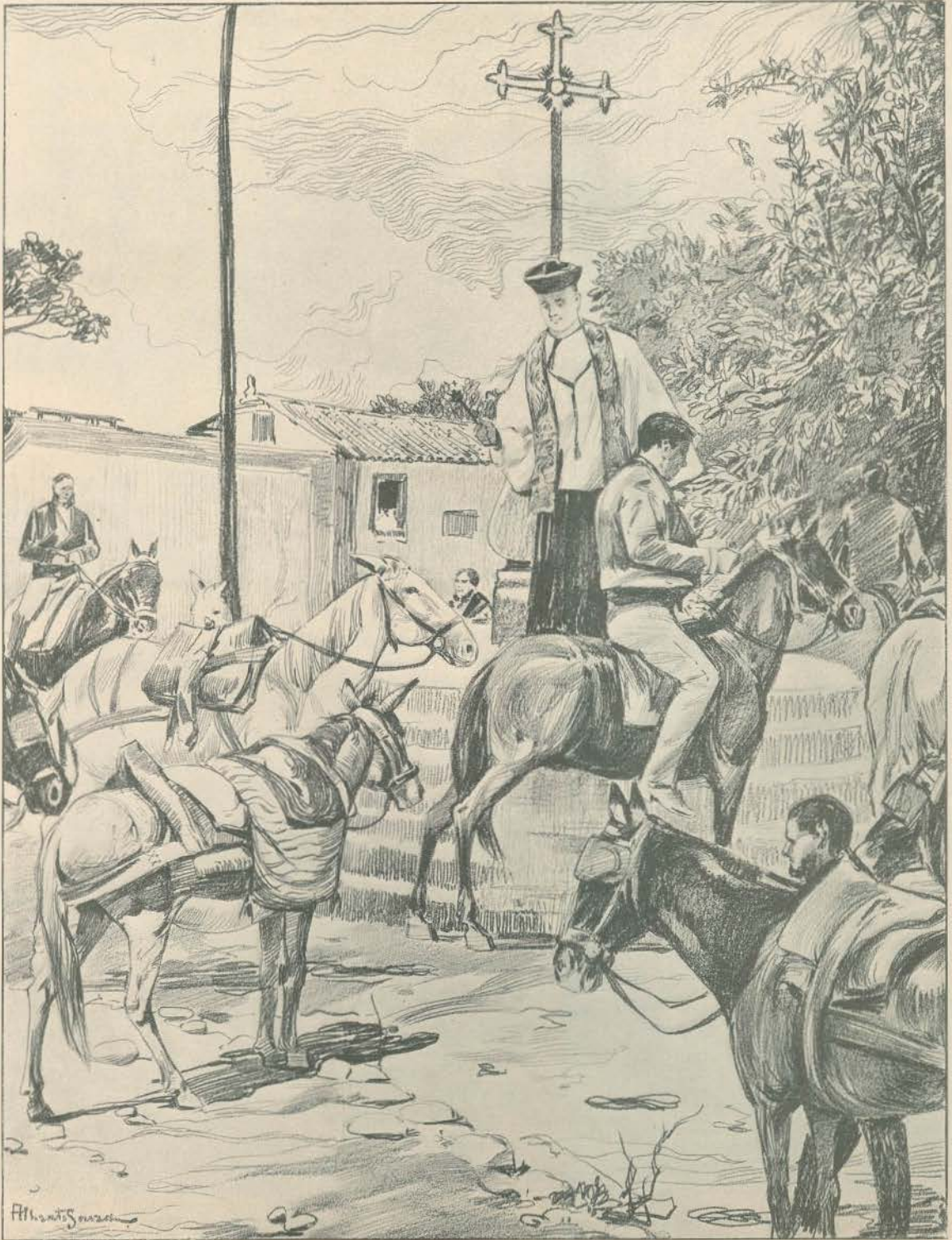


CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL — A SESSÃO D'ABERTURA Á QUAL PRESIDIU S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS

Foi em domingo, 23, na sala *Algarve* da Sociedade de Geographia, que se inaugurou o Congresso Marítimo sob a presidência de S. M. el-rei que pronunciou o discurso de abertura. Estava cheio o salão, trajavam-se de gala, luziam galões e condecorações, fardas estrangeiras marcavam notas imprevistas. O corpo diplomático assistia.

Da família real estavam, além de S. M. el-rei e senhor D. Carlos, S. M. as rainhas senhoras D. Amélia e D. Maria Pia e S. A. R. o senhor D. Alfonso. Logo que S. M. el-rei acabou de ler o seu discurso, o sr. contra-almirante Capelle deu as boas vindas aos congressistas, falando então Mr. Charles Roux, que devia presidir a todas as outras sessões do Congresso, evocando páginas brilhantes da

nossa história, mostrando o nosso papel de marinheiros e congratulando-o ao ser tão affectuosamente recebido em Portugal assim como os delegados das outras nações. Foi muito saudado o illustre francez; a assembléa applaudiu-o estrofanicamente e logo começou a visita à exposição oceanographica installada na sala da Sociedade de Geographia.



SANTA QUITÉRIA DE MECA — A BENÇÃO DO GADO E DOS ROMEIROS

Nesta Quitéria de Meca é advogada dos hydrophobos e mora na sua bella igreja no povoado, além d'ous caminhos ladeados de cerejaes, perto de Alentejo. Ha ainda o velho noo do parcho benzer a porta da igreja o gado e os romeiros e collocar os sob a protecção da santa, que os livra das mordeduras de animaes dançados. Antigamente se hydrophobos iam a Meca e ali recibiam curativos feitos com lenços balsa-

mos. Agora só se fazem festiços à Senhora, onde vai grande numero de romeiros, formando-se o arrial que se faz no airo, e fazeiçoso tambem uma procissão como a realçada em domingo, 22. Já no sabbado houvera illuminações brillantes. A noite estava linda e como era grande a affluença de romeiros a animação foi enorme n'aquelle arruall realçado que atrahia muita gente, aquella ermidinha onde se venera a santinha famosa.

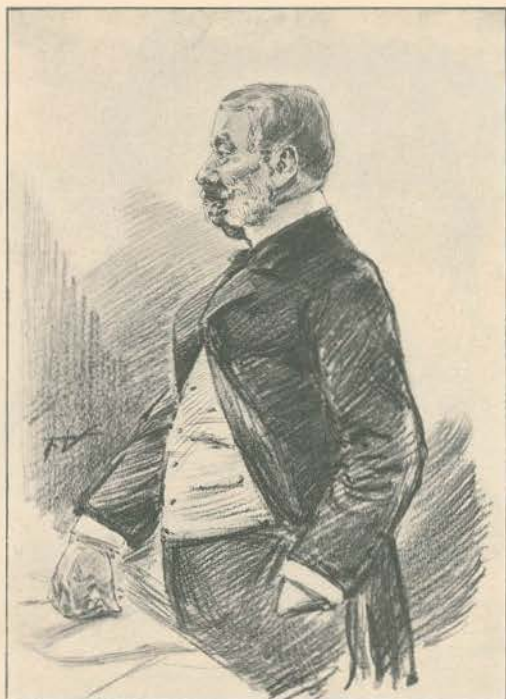


O CONGRESSO MARÍTIMO INTERNACIONAL: O PASSEJO A CINTRA
 1. A CHEGADA A CINTRA—2. NA PENA: SOB A ARCADEIA—3. NA PENA: À ENTRADA—4. OS CONGRESSISTAS NA BOCCA DO INFERNO—5. NA PENA: À SAÍDA
 —6. OS CONGRESSISTAS NA ESCADARIA DO TERRAÇO

Partiu-se pelas 10 horas da estação do Resto. Como por uma pirraça o céu estava pardo, roseou que na véspera fora limitados. Mas o comboio largou, atravessou o tunnel, entrou a galgar por entre as campinas. A's portinholas assomavam vultos, trocavam-se phrasas, rumecavam-se explicações e a chuva entrava a cair com força. A' chegada a Cintra chovia torrencialmente e logo os congressistas correram para os trens que os aguardavam no largo da Estação, bem como os empregados da agência Cook, de Londres que dirigiam o passeio.

Visitou-se o palácio real, percorreu-se aquella maravilhosa vivenda, ouviram-se phrasas de

admiração nas salas vetustas, na prisão d'Affonso VI, por todo esse palácio em que ha um característico fahito mourisco. Depois de novo aos trens, sabido-se para a Pena sob a chuva cada vez mais violenta que envolvia a paisagem como n'um largo sacco de neblina. Ninguém se atrevia a sair das carruagens quando se chegou ao picadote do paço real, onde, sob um toldo, se serviria o almoço. Por fim alçaram deo: o exemplo e abateu-se sem cerimonia, começando-se como em campanha, a pressa e recuando o temporal que viera rumbiar nos o prazer de mostrarmos aos estrangeiros as belezas extraluz d'essa poetica Cintra, o nosso orgulho.



MR. CHARLES ROUX
O presidente do Congresso



Sr. ALBERTO GIRARD
Collaborador de S. M. o rei e senhor D. Carlos nos trabalhos oceanographicos



DR. JAMES WOOLONGHAN
Representante de mr. Camille Pellotan, ministro da marinha de França



MR. CHEVALIER DE PESCE
Secretario geral do Congresso

CONGRESSO INTERNACIONAL MARITIMO—ALGUNS MOMENTOS DA SEGUNDA SESSÃO DO CONGRESSO

A mais acalorada discussão n'esse segundo dia do Congresso foi sobre uma proposta de mr. Urbain, capitão de longo curso, belga, acerca da unificação do zero nas escalas maritimas. Trouxe-se rijo a discussão, na qual tomaram parte os sr. Ernesto de Vasconcelos, engenheiro Mendes Guerreiro, o delegado do governo hespanhol sr. Navarrete, além de muitos congressistas extran-

geiros. Sendo-se resolvido não approvar a proposta de mr. Urbain. O sr. A. Girard apresentou um trabalho d'el rei e senhor D. Carlos e o sr. J. Woolonghan leu o seu relatório das correntes no Golfo da Gasconha.



ROCHIA DO MONTE SINAI

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Em toda essa estância os pomposos ornamentos da igreja offenem a vista e põem o espirito no tormento de se lembrar que este é o sitio da crucificação—o Golgotha—o monte do Calvario. E a ultima coisa para que a gente olha é tambem a que viu primeiro—o lugar onde estava a verdadeira cruz. Isso nos acorrentará ali e nos compellirá a contemplar mais uma vez, muitas e muitas vezes mais, depois de ter satisfeito toda a curiosidade e perdido todo o interesse relativamente aos outros assumptos attinentes a esse lugar.

E d'esta maneira termina este capitulo acerca da igreja do Santo Sepulchro—o mais santo lugar que ha na terra para milhões e milhões de homens, mulheres e crianças, de nobres e humildes, de captivos e livres.

Na sua historia desde o principio, e nas suas tremendas relações, é o edificio mais illustre da christandade. Com todos os seus aspectos apparatus e as suas inaceitaveis imposturas de toda a casta, é ainda grande, respeitavel, venerando—porque ali morreu um deus; durante mil e quinhentos annos os seus sacarios tom sido molhados das lagrimas de peregrinos dos mais remotas confins da terra; durante mais do dousentos annos os mais gallardos cavalleiros que já mais oingiram espada consumiram a existencia n'uma luca para se apoderarem d'elle e o manterem intacto da corrupção dos infieis. Até nos nossos dias houve uma guerra, que custou grandes cabedlos e rios de sangue, porque duas nações rivais disputavam o direito exclusivo de lhe pôr uma capela nova. A historia está cheia d'esta votista igreja do Santo Sepulchro—cheia de sangue derramado por causa do respeito e veneração que os homens tinham por essa derradeira estância de repouso do brande e humilde, do meigo e doce, senhor da paz.

XXIII

A rua da Amargura—A lenda do lenço de Santa Veronica—Uma pedra illustre—Casa do Judo Kerant—A tradição do errabundo—O templo de Salomão—A máscara de Omar—Tradições musulmanas—As mulheres não são admitidas—Destino de uma faladora—Sagradas reliquias turcas—Assento de David e de Saal—Gardios restos próximos do templo de Salomão—Forte de paonanas—A lagoa de Sileom—O horto de Getsemani e outros lugares santos.

Estavamos n'uma rua estreita junto da torre de Antonio. «Sobre estas pedras que se estão desfazendo, n'este guia, se assentou o descanço do Salvador antes de pegar na cruz. Começa aqui a rua da Amargura.» O grupo tomou nota do sagrado lugar, e seguiu. Passámos por baixo do «Arco do Ecce Homo», e vimos a mesma

jaella d'onde a mulher de Pilatos avisou seu marido de que não se entremettesse na perseguição do Homem Justo. Attendendo á sua longa idade, essa jaella achase em excellento estado de conservação. Mostraram-nos o sitio onde Jesus descançou pela segunda vez, e onde a multidão recusou solta-lo, dizendo: «O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.» Os catholicos francezes estão edificando uma igreja n'este local, e, com a sua veneração usual pelas reliquias historicas, incluem n'ella os restos de antigos muros que ali encontraram. Mais adiante, vimos o lugar onde o Salvador desfallecido cahiu sob o peso da sua cruz. Havia lá n'esse tempo uma grande columna de granito, e a pesada cruz deulhe uma tal pancada que a partiu em duas pelo meio. Assim n'ello contou o guia, quando nos fez parar deante da columna quebrada.

Atravessámos uma rua, e logo chegámos á antiga residencia de Santa Veronica. Quando por all passou o Salvador, ella sahin, penetrada de piedade feminina, e disse-lhe algumas palavras compassivas, sem se lhe dar dos gritos e amasas da multidão, e limpon-lhe o suor do rosto com o seu lenço. Tanta coisa temos ouvido de Santa Veronica, e por tantos mestres de pintura a temos visto representada, que o chegarmos de frente da sua antiga casa em Jerusalem foi como que encontrar inesperadamente um antigo conhecido. O mais extraordinario do caso que tornou tão celebrado o seu nome é que, quando alla limpon o suor, a imagem do rosto do Salvador ficou estampada no lenço, um retrato perfeito, que se tem conservado até os nossos dias. Sabemos que isto assim é, porque vimos o lenço n'uma cathedra em Paris, n'ontra de Hespanha, e em mais duas na Italia. Na cathedra de Milão é preciso dar cinco francos para o ver, e em S. Pedro de Roma é quasi impossivel vê-lo, seja por que preço fór. Não ha tradição tão amplamente verificada como esta de Santa Veronica e do seu lenço.

Na quinta proxima vimos uma marca profunda na dura alvenaria da esquina de uma casa, mas passaríamos por essa marca sem lhe dar attenção nenhuma, se não fosse o guia dizer que tinha sido feita pelo cotovello do Salvador, que aqui tropeçou e cahiu. Ora, succedem que demos logo com outra cova igual n'um muro de cantaria. E disse o guia que o Salvador cahira tambem aqui, e fizera essa depressão com o cotovello.

Havia ainda outros lugares onde o Salvador cahiu, e outros em que descançou; mas uma das coisas mais curiosas da historia antiga que encontramos n'esse passeio de manhã pelas villas tortuosas que conduzem ao Calvario foi uma certa pedra mettida n'uma casa —

de tal modo cortada e picada que ficou com uma especie de grosseira semelhança com um rosto humano. As saliencias correspondentes ás faces estavam macias, de muito gastas pelos beijos apaixonados de gerações de peregrinos de longas terras. Perguntámos: Porque? O guia respondeu que essa era uma das «mesmas pedras de Jerusalem», de que Christo fez menção quando o conspuraram por consentir que o povo gritasse: «Hosannah!» quando foi da sua memoravel entrada na cidade n'uma jumentu. Um dos peregrinos disse:—Mas não ha prova nenhuma de que as pedras *gittasem*—Christo disse que, se o povo deixasse de gritar Hosannah, as mesmas pedras o *fariam*. O guia ficou perfeitamente sereno. E disse muito tranquillo:—Pois esta é uma das pedras que *teriam* gritado. De nada servia pretender abalar a fé simples d'esse homem—era facil reconhecê-lo.

Pomos dar por fim com outra maravilha, de profundo e constante interesse—a verdadeira casa em que viveu outr'ora o misero, que tem sido celebrado em prosa e verso por espaço de mais de mil e oitocentos annos como Judo Errante. No dia memoravel da crucificação esteve elle n'essa valha porta com as mãos postas nos quadris, olhando para a turba que, revoltando-se, se aproximava, e quando o extenuado Salvador se quitou e descançou um momento, elle empurrou-o brutalmente e disse: «Ainda para deante!» E o Senhor disse: «Ainda tu para deante igualmente» a esta injunctão desde esse dia até hoje não foi ainda revogada. Todos sabem como o miseravel sobre cuja cabeça cahiu essa justa maldição tem vagueado por esse mundo, de uma banda para a outra, durante seculos e seculos, procurando socorro sem nunca o encontrar—cordejando a morte, sempre dobalde—suspirando por parar, na cidade, na solidão, no deserto, e enviando sempre contudo essa ordem incessante para caminhar—caminha! Dizem antiquissimas tradições que, quando Tito saqueou Jerusalem e deu a morte a um milhão e cem mil judeus nas suas ruas e travessas, o Judo Errante foi visto sempre no mais accesso da pelega e que, quando as achas de armas brilhavam no ar, elle curvava a cabeça do baixo d'ellas; quando as espadas despediam os seus relampagos, sahia-lhes ao encontro; apresentava o peito nu ás frechas e azagallas sibillantes, e a toda e qualquer arma que promettesse a morte, o esquecimento, o resposso. Mas era inutil—sahia incootumo do que da crucificação. E disse que, passados quinhentos annos, seguiu a Mahomet, quando levou a destruição ás cidades da Arabia, e voltou-se depois contra elle, esperando alcançar d'esse modo a morte dos traidores. Saltaram-lhe ainda os calculos errados. A nenhuma alma viva se deu quartel,



REDUÇÃO DO SINAI

excepto a elle, que era o unico de todo o exercito que não procivava d'isso. Buscou a morte, quinheentos annos depois, nas guerras das cruzadas, e offereceu-se á fome e á peste em Ascalon. E ainda escapou — não lhe foi possível morrer. Estes repetidos dissabores tiveram por fim um effeito só — abalaram a sua confiança. Desde então o Judeu Errante tem sido uma especie de recreação intervallada de auxiliares e instrumentos mais promettedores de destruição, mas com pequena esperanza, em geral. Tentou a má choleria e nas vias ferreas, e tomou quasi um vivo interesse nas machinas infernaes e nos remedios garantidos. Agora está velho e sizoído, como é proprio da sua idade; não se entrega a divertimentos ligeiros, se exceptuarmos que vas algumas vezes a execuções e tem um franco por funeraes.

Ha uma cousa que elle não pode evitar; vá onde fór por esse mundo, não deve deixar nunca de voltar a Jerusalem da cincuenta em cincuenta annos. Ha apenas um anno ou dois que elle aqui esteve pela trigesima setima vez desde que Jesus foi crucificado no Calvario. Dizem que muitas pessoas antigas, que estão aqui agora, o viram então e o tinham visto antes. Parece sempre o mesmo — velho, mirrado, com os olhos encovados e abstrahido, salvo se houver em torço d'elle qualquer cousa que parece suggerir que elle procura alguém, que espera por alguém — os amigos da sua mocidade, talvez. Mexo-se sempre por essas velhas ruas, ao parecer solitario, pondo o seu signal n'uma parede aqui e ali, e mirando os edificios mais antigos com uma especie de meio interesse amigavel; e derramam algumas lagrimas no limiar da sua antiga habitação, lagrimas amargas que ellas são. Cobra então a sua renda e parte novamente. Houve quem o visse parado proximo da igreja do Santo Sepulcro em muitas noites estreladas, porque durante bastantes seculos tem acariado a idéa de que, se lá pudesse entrar, teria repouso. Mas, quando elle se aproxima, as portas batem com estrepito, a terra treme, e todas as luzes de Jerusalem dão a claridade azulada de phantasmas! Elle faz isto do cincuenta em cincuenta annos, exactamente o mesmo. Não obstante ter perdido a esperanza, é duro romper com habitos a que se está acostumado, ha mil e oitocentos annos. O velho *touriste* anda agora muito distante nas suas divagações. Devo de sentir um profundo desprezo pelos delicados meunhos que se vão saciando por esse mundo n'estas aras de caminheiros de ferro, e chamam a isso viajar.

O nosso guia pode confirmar plenamente indo quanto tanto dito do Judeu Errante.

A formidavel mesquita de Omar, o o pateo empedrado que a circunda occupam *uma quarta parte* de Jerusalem, e estão sobre o monte Moriah, onde era o templo do rei Salomão. Esta mesquita é o lugar mais santo para os mahometanos, tirante Mecca. Ha um ou dois annos, christão nenhum conseguia ser admitido n'ella ou no pateo, quer por favor quer por dinheiro. Mas a prohibição acabou, e tivemos entrada franca, dando uma esportula.

Nada tenho que dizer da belleza assombrosa e da requintada graça e symetria que tornaram essa mesquita tão celebre — porque as não vi. Ninguém pode ver semelhantes cousas de relance — é frequente só se descobrir quanto realmente linda — é uma linda mulher depois de a conhecer por muito tempo, e esta regra tem appli-

cação ás quedas de Niagara, ás montanhas e mesquitas majestozas — especialmente ás mesquitas.

A grande feição da mesquita é a rocha prodigiosa que ha no centro da sua rotunda. Foi sobre ella que Abrahão se aproximou muito quando offerrou seu filho Isaac — isto, pelo menos, é authentico — e mereceu, em todo o caso, muito mais confiança do que a maior parte das tradições. Foi tambem sobre essa pedra que esteve o anjo, e ameaçou Jerusalem, persuadindo o David a que poupsasse a cidade. Mahomet esteve em contacto com ella. D'ella subiu ao céo. A pedra tentou seguí-lo, e se a mais simples boa sorte não permitisse que o anjo Gabriel all estivesse para a segurar, era uma vez a pedra. Muito pouca gente tem um pulso como o de Gabriel — ainda hoje se vêem na pedra os signaes dos seus dedos monstruosos, do duas pollegadas de profundidade. A rocha, apesar da sua grandeza, está suspensa no ar. Não toca em coisa nenhuma absolutamente. Foi isto o que disse o guia. Foi maravilhoso. No logar d'ella onde esteve Mahomet, deixou as suas pégadas na dura pedra. Mas o que eu

queria dizer, quando me referi á rocha estar suspensa, era que no chão da caverna, que lhe fica por baixo, nos mostraram uma lago que elles disseram tapar um buraco, que era cousa de extraordinario interesse para os musulmanos, porque esse buraco conduz á perdição, e toda a alma que é d'all transferida para o céo tem de passar por esse orificio. Está lá Mahomet e levanta-as pelo cabello. Todos os mahometanos rapam a cabeça á navalha, mas tem o cuidado de deixar sempre uma madeixa para o propheta lhes pegar por ella. Observen-nos o nosso guia que todo o bom musulmano se julgaria sentenciado a ficar com os condemnados para todo o sempre, se acaso ficasse sem a madeixa, e morresse antes do lhe ter crescido o cabello. A maior parte dos que en vi devem ficar com os condemnados, seja como fór, não tratando do modo como foram rapados.

Durante muitos seculos não foi permitido a mulher nenhuma entrar na caverna onde está esse importante buraco. A razão d'isso é que uma pessoa do seu sexo foi uma vez all apunhada a tagarellar tudo o que ella sabia que se passava na superficie da terra aos condemnados nas infernaes regiões inferiores. Levou a sua bisbilhota a tal extremo que nada pôde ficar secreto — nada se podia fazer ou dizer cá na terra que todos os proeitos e não sonheassem, ponto por ponto, antes do sol se pôr. Era tempo de supprimir esse telegrapho, o que se fez promptamente, por meio do carrasco.

O interior da grande mesquita é muito apparatuso, de variegadas paredes, com janellas e inscripções de bom trabalho mosaico. Possuem os linceos as suas sagradas reliquias, como os cadafecos. O guia mostran-nos a verdadeira armadura usada pelo neto e successor de Mahomet, e tambem o escudo do tio de Mahomet. A grande grade de ferro que rodeia a rocha estava enfeitada n'um logar com uma infinidade de trapos atados a ella. São para Mahomet se lembrar dos devotos que os puzeram lá. Depois d'isso considera-se que atar meadas no dedo, como lembranças, é o melhor.

Logo da parte de fóra da mesquita ha um templo em miniatura que marca o logar em que David e Goliath continuavam sentar-se para administrar justiça ao povo. (*)

Por toda a parte, em volta da mesquita de Omar ha pedaços de columnas, altares delicadamente lavrados, e fragmentos de marmore esculpido com elegancia — restos preciosos do templo de Salomão. Foram extrahidos de grande profundidade e entulhos do monte Moriah, e os musulmanos tem mostrado sempre disposição para os conservar com o maximo cuidado. N'essa porção do antigo muro do templo de Salomão que se chama o sitio das lamentações do judeu, e onde os hebraicos vão em todas as sextas-feiras beijar as veneradas pedras e chorar sobre a grandeza passada de Sion, qualquer pessoa pode vêr o indistinto e incontestado templo de Salomão, que consisto em tres ou quatro pedras collocadas umas sobre outras, cada uma das quaes tem, pouco mais ou menos, duas vezes o comprimento de um piano de sete oitavas, e de espessura quasi outro tanto como a altura de um piano. Mas, como já disse, ha só um anno ou dois que foi revogada a ordem prohibitiva do rebotalho christão, como nós, *cantar* na mesquita de Omar e vêr os custosos marmores que out'ora adornaram o interior do templo. Os motivos lavrados n'esses fragmentos são todos bellos e espezias, e por isso o encanto da novidade se associa ao profundo interesse que elles naturalmente inspiram. Estamos a dar a todo o instante com esses veneraveis fragmentos, especialmente na proxima mesquita el Aksa, em cujas paredes interiores muitos d'elles estão collocados para se conservarem. Estes pedaços de pedra, manchados e empoeirados pela acção do tempo, suggerem confusamente a idéa de uma grandeza que nos ensinaram a todos a considerar como a mais nobre que se viu jámais sobre a terra; e trazem á lembrança as figuras de um espectáculo familiar a todas as imaginações — camellos carregados de especerarias e thesouros — bellas escravas, presentes para o harém de Salomão — uma extensa cavalgada de guerreiros, com os cintos ricamente ajazezados — e a rainha de Sáh na frente d'esta evocação da magnificencia orientall. Esses elegantes fragmentos interessam muito mais que a solemne grandeza das pedras, que os judeus hejam no logar das lamentações, pode jámais ter para o desocuidado peccador.

Em baixo no concavo terreno, subjacentes ás oliveiras e laranjeiras que florescem no pateo da grande mesquita, está uma quantidade de pilares — restos do antigo templo, que sustentaram. Ali em baixo tambem ha pesadas arcarias, por sobre as quaes o arado destruidor da propicia passou sem fazer mal.

FOLHETIM N.º 29

(Continúa.)

* Um peregrino informa-nos que não foi David e Goliath, sim David e Saul, indito na minha asseção — disse-o o guia, que o devia saber.



JOVEN DO SINAI



A BATALHA DAS FLORES EM COIMBRA—ASPECTO GERAL DO RECINTO



A BATALHA DAS FLORES EM COIMBRA—A CARRAGEM DO SR. VISCONDE DE ALVERCA



«REGRESSO AO LAZ» QUADRO DE ALMIDA E SILVA EXPOSTO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES



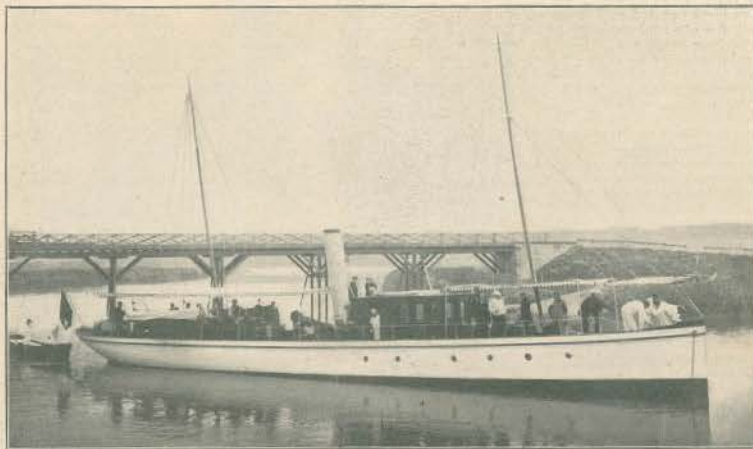
O JORNALISTA HUNGARO PAUL DEUTCH, QUE ASSA A FAZER A PÉ A VIAGEM À VOLTA DO MUNDO



MR. ANTONY MAIDON - Sub-chefe no ministerio das colonias de França e representante do ministerio das colonias no Congresso Maritimo.



MR. J. BRUNET - Director da nova Revista Internacional de Paris e representante do Montenegro no Congresso Maritimo.



S. M. EL-REI A BORDO DO SEU «YACHT» «SADO» EM FRESTE DE ALCACER DO SAL



PILAR PEREZ - Primeira filha da companhia de zarzuela actualmente no theatro D. Amalia